

"A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES." (KARL MARX)

Derrotar ataques dos governos com mobilizações de massa pelo Brasil



Governos federal, estaduais e municipais tentam avançar pacotes de ataques a direitos e conquistas de jovens e trabalhadores, mas a luta de classes esquenta e se espalha pelo país. **PÁG 3**

Manifestação dos servidores municipais em greve de Florianópolis, contra Pacote de Maldades e ameaça de prisão

1917 foi o ano da mais extraordinária vitória que a classe trabalhadora jamais logrou em qualquer tempo e lugar: a Revolução Russa.



Os marxistas se mantêm conscientes de que, assim como no passado, a única bandeira que pode libertar os trabalhadores é a do socialismo.

POLÊMICA

Burguesia briga entre si em recomposição no STF

ALEXANDRE MANDL

alexandremandl@yahoo.com.br

Teori Zavascki morreu. Havia muitos interesses em sua morte. Não se trata de uma simples teoria da conspiração. Teori era o mais independente dos ministros do STF e tinha acabado de homologar delações que atingem o núcleo duro do PMDB e do PSDB, bem como indicava que retiraria seu sigilo. E ainda, foi quem havia criticado duramente os abusos cometidos por Juiz Sérgio Moro.

Carmem Lúcia, presidente do STF, decide homologar as delações dias seguintes à morte de Teori, mas mantém o sigilo. Indica o sorteio de um novo ministro relator. Inúmeras polêmicas se abrem, envolvendo o regimento do tribunal. Os dois entendimentos formais eram: fica a cargo do novo ministro escolhido para a vaga de Teori no STF ou para outro ministro que já estava na



Papel bonapartista do Judiciário resulta em disputa em sua composição

mesma Turma Julgadora.

Gilmar Mendes, um dos quadros da burguesia dentro do Judiciário, que conduz como quer os interesses da classe dominante, se oferece prontamente para o cargo. Alguns setores fazem lobby por isso. Outros avaliam que ficaria muito descarado. Logo em seguida da morte de Teori, assume o ministro que esteve em reuniões com Temer no final de semana anterior. Há relatos de discussões inter-

nas e muita pressão do Poder Executivo junto à Carmem Lúcia. A “manobra” recai em remanejar para a vaga de Teori na Turma Julgadora um dos outros ministros – Edson Fachin, último ministro indicado por Dilma. E, coincidentemente, vejam vocês, ele é o escolhido, num sorteio(!), para assumir a relatoria da Lava Jato. Considerado como “incorrupível” e “um novo Teori”, poderia conduzir a relatoria com mais “liberdade,

Quem Somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização revolucionária de luta pelo socialismo.

Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), participamos em todo o mundo da luta pela abolição do capitalismo e pela República Socialista Universal dos Conselhos.

Lutamos contra a colaboração de classes dos reformistas. Mas, nada temos a ver com os ultraesquerdistas que se dedicam ao divisionismo e ao denunciamento impotente.

Nós lutamos pela unidade e pela independência política da classe trabalhadora. Nosso objetivo é ajudar os trabalhadores e a

juventude revolucionária a construir um partido operário revolucionário e socialista de massas.

A Esquerda Marxista dirigiu as ocupações de fábricas no Brasil lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores. Lutamos por Transporte, Saúde e Educação Públicos e gratuitos para todos. Pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude. O capitalismo e seus partidos são nossos inimigos. Lutamos pela revolução e pelo socialismo.

isenção e serenidade”.

O desfecho ainda está longe de ocorrer, mas a descarada indicação de Alexandre Moraes por Temer para a vaga de Teori no STF expressa bem conjuntura em que vivemos. Ele é o verdadeiro “bate pau” de Temer, Alckmin e Gilmar Mendes.

Não temos ilusão no Poder Judiciário nem muito menos

somos favoráveis à Lava Jato. Mas sim reconhecemos seus objetivos políticos e sabemos que têm diferenças entre os ministros e as frações de interesses da burguesia. Mais que isso, temos muito claro que o objetivo deste bonapartismo do judiciário, colocando-se acima da luta de classes, é justamente manter a ordem vigente.

CAMPANHA

Histórica greve dos servidores de Florianópolis

ALEX MINORU

alexminoru.sp@gmail.com

O recém empossado prefeito de Florianópolis, Gean Loureiro (PMDB), aprovou um pacote de retirada de direitos, cortes salariais e das aposentadorias dos servidores municipais.

No dia 17 de janeiro começou a greve da categoria, com recordes de participação nos atos e assembleias convocados pelo sindicato, o Sintrasem.

O judiciário e o executivo partiram para o ataque. A greve foi decretada ilegal e a multa pela continuidade da greve subiu para R\$ 100.000,00 por dia!

O Procurador Geral do Poder Executivo, Diogo Pítsica, pediu a “Prisão dos diretores do Sintrasem, a destituição da diretoria e a intervenção no sindicato

para restabelecer a ordem constitucional”.

Mas nem o sindicato e nem a base se curvaram às ameaças. A greve continua forte. A campanha contra o pacote de retirada de direitos e a criminalização da greve e do sindicato tem feito chegar mensagens de diversas partes do Brasil e do mundo (Ver site da Esquerda Marxista).

A Esquerda Marxista e a Corrente Marxista Internacional estão em defesa dos direitos dos servidores de Florianópolis, da liberdade sindical e do Sintrasem, que tem os militantes da Esquerda Marxista em sua direção. Só a unidade e a mobilização de nossa classe podem derrotar estes ataques. Junte-se à campanha! Envie sua moção (Conteúdo disponível no site www.marxismo.org.br)!

FRANCIS MADLENER

francismad@gmail.com

Com a entrada das mulheres nas relações capitalistas de produção, elas passaram a sofrer com a dupla jornada de trabalho e criou-se o que Clara Zetkin denominou de a “questão da mulher”.

Esse assunto foi pauta das lutas políticas na Rússia antes da Revolução, desde a necessidade da organização da mulher trabalhadora, até a defesa do salário família e do retorno da mulher ao lar - expressão da moral ainda hegemônica.

Contrariando o discurso contemporâneo, de que o marxismo não aborda a questão da mulher, são vários os textos de Lênin, Clara e Trotsky, entre outros, que debatem a necessidade da mulher trabalhadora organizar-se – não só em organizações de mulhe-

res, mas nas fileiras revolucionárias -, e também a importância do estado revolucionário na criação de condições que permitissem às mulheres deixar o trabalho doméstico.

A Revolução Russa começou em 8 de março (23 de fevereiro pelo calendário juliano), e trouxe diversos avanços para a mulher: a legalização do aborto, a facilitação do processo de divórcio, a construção de cozinhas e lavanderias coletivas. Tais conquistas devem ser lembradas, pontuando o retrocesso do período stalinista, que, equivocadamente, serve de base para as críticas à experiência soviética.

É fundamental retomar a discussão da questão da mulher a partir de uma perspectiva marxista, pautando as reivindicações transitórias, sem apagar do horizonte a tarefa central da

derrubada do capitalismo – única possibilidade real de emancipação da mulher.

“A mulher proletária luta lado a lado com o homem de sua classe contra a sociedade capitalista”. Clara Zetkin.

8 de março: 100 anos da revolução russa e a luta das mulheres

Foice & Martelo

CONSELHO DE REDAÇÃO
Serge Goulart, Alex Minoru,
Johannes Halter, Riobaldo
Tartarano e Evandro Colzani.

EDITOR
Johannes Halter

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Rafael Prata MTB nº 40040/SP

DIAGRAMADOR
Johannes Halter

jornal@marxismo.org.br
www.marxismo.org.br

Rua Tabatinguera, 318, Centro
São Paulo/SP - CEP: 01020-000
Fone: (11) 3101-8810

EDITORIAL

Crise, greves e um regime que desmorona

ESQUERDA MARXISTA
jornal@marxismo.org.br

Apesar da tentativa do governo Temer de apresentar perspectivas otimistas para a economia, a realidade é que a crise segue forte. São mais de 12 milhões de desempregados, sem contar os que estão em subempregos ou desistiram de procurar trabalho. O setor da indústria, só em 2016, teve uma contração de 6,6%. A estimativa é que o PIB tenha tido queda de 3,5% no ano passado. A projeção mais otimista do governo, para 2017, é um crescimento de 1% na economia.

Isso tudo é parte da crise internacional do capitalismo, que provoca, no Brasil e no mundo, a instabilidade dos governos empenhados em salvar o sistema. Este é o caso do governo Temer e de governos estaduais e municipais por todo o país, com suas medidas de “ajuste fiscal”, de ataques à classe trabalhadora e à juventude.

O governo federal, com apoio do Congresso Nacional, aprovou o teto dos gastos públicos (PEC 55) e a Reforma

do Ensino Médio, e colocou em marcha a Reforma da Previdência e Trabalhista.

A juventude foi às ruas e ocupou escolas no ano passado. A classe trabalhadora continua resistindo e se mobilizando para defender seus salários e conquistas. Entre os operários, o descontentamento se acumula e uma hora a quantidade se transformará em qualidade.

Greves e mobilizações

Nos estados e municípios a mesma receita de “ajuste” é aplicada, desencadeando fortes mobilizações. A já histórica greve dos servidores de Florianópolis é um bom exemplo (ver mais na página 2).

No Espírito Santo, o descontentamento estourou entre os policiais, que começaram uma greve em fevereiro.

No Rio de Janeiro, os ataques aos direitos dos servidores e o atraso nos salários têm provocado sucessivas mobilizações e greves de categorias. O novo ataque é a privatização da CEDAE (Companhia Estadual de Águas e Esgotos), com votação na ALERJ prevista para 20/02, após adiamento, a

partir do reforço da segurança com a participação do Exército, pois os soldados no RJ também começaram um movimento de redução do efetivo nas ruas.

O que revela a greve de PMs

O Manifesto Comunista, em 1848, já explicava que o Estado moderno nada mais é do que “o comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa”, sendo também caracterizado por Engels como um “bando de homens armados”. As PMs são a principal força repressiva do Estado para garantir a manutenção do regime da propriedade privada dos meios de produção. Coagindo a população nos bairros proletários, reprimindo manifestações e movimentos sociais. Os marxistas não tem ilusão na polícia e, por isso, defendemos o seu fim.

Ao mesmo tempo, enquanto a grande imprensa condena a greve de PMs, os governos buscam punir os policiais envolvidos. Nós saudamos a greve, pois é uma ruptura da hierarquia, do cumprimento cego às ordens superiores e



Mobilização da greve da Polícia Militar em curso no Estado do Rio de Janeiro

que revela as divisões com traços de classe existentes dentro da própria força repressiva do Estado. Somos contra a punição aos envolvidos na greve, somos pelo direito de greve e sindicalização de bombeiros e polícias, hoje proibido pela Constituição. Ao mesmo tempo, não somos aqueles que vão reivindicar melhorias no aparato repressivo, melhores viaturas, cassetetes, coletes, aumento do efetivo, etc. Isso seria apoiar que o exército inimigo tivesse melhores condições para nos derrotar na luta de classes.

Apoiamos aquilo que faça os policiais, em especial os de baixa patente, compreenderem que são também oprimi-

dos e explorados por esse sistema, que são utilizados como bucha de canhão para garantir os interesses de uma minoria parasitária. Estes serão recebidos de braços abertos, como foram os policiais cariocas que, no ano passado, abandonaram seus postos de repressão para confraternizar com manifestantes.

A decomposição e as divisões no aparato repressivo do Estado são sintomas adicionais do desmoronamento do regime. A crise é profunda e vai se intensificar. No centenário da Revolução Russa, muitos combates nos aguardam. Organize-se, junte-se à Esquerda Marxista, tendência do PSOL.

NACIONAL

Executiva do PSOL aprova entrada da Esquerda Marxista

SERGE GOULART
serge@marxismo.org.br

Camaradas, companheiros e amigos,

Informo a todos que a Executiva Nacional do PSOL aprovou dia 11 de fevereiro a entrada da Esquerda Marxista no partido.

A Esquerda Marxista decidiu entrar no PSOL para construir a organização revolucionária e continuar o combate para reconstruir/construir um partido de classe no Brasil. Isso passa, hoje, por fortalecer o PSOL e ajudar a enraizá-lo na classe trabalhadora e na juventude.

Nas condições atuais do Brasil ser um grupo independente não permitiria desempenhar nosso papel com a força e a eficácia que a gravidade da situação exi-



ge. É por isso que a Esquerda Marxista decidiu entrar com toda sua organização, seus militantes, com seu programa e seus métodos, no PSOL.

No PSOL, os marxistas farão todos os esforços para lutar ombro a ombro com todos os revolucionários, com a juventude e os trabalhadores contra os exploradores capitalistas e

seus agentes reformistas. Nossa estratégia é classe contra classe e nossa tática, que se funde muitas vezes com a própria estratégia, é o combate pela Frente Única anti-imperialista, pela Frente Única Operária, contra o capitalismo, como ensinaram o 3º e 4º Congresso da Internacional Comunista.

A Esquerda Marxista não quer mais que o direito de livremente defender suas ideias e sua visão da luta de classes em igualdade de condições com todos os militantes e tendências do PSOL, num ambiente de democracia interna, e na ação comum contra o sistema capitalista e seu rastro de dor e sofrimento para a classe trabalhadora e para a juventude.

Entramos no PSOL com-

batendo pela unidade da classe contra a austeridade, contra todos os ataques do ilegítimo governo Temer/PMDB/PSDB, e em defesa dos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora.

Entramos no PSOL combatendo para unificar todos os sindicatos numa só central sindical.

Entramos no PSOL lutando sobre a base do programa marxista na perspectiva de reconstruir/construir um partido de classe de massas digno deste nome.

Entramos no PSOL buscando agrupar todos os revolucionários e jovens aí presentes, tendências e agrupamentos, sobre a base do programa marxista e da luta pela construção de uma verdadeira Internacio-

nal dos Trabalhadores.

A Esquerda Marxista se dirige a todos seus simpatizantes, apoiadores e amigos pedindo-lhes apoio e que se juntem a nós filiando-se ao PSOL e fortalecendo o PSOL e a Esquerda Marxista. Pedimos que transformem sua simpatia em adesão dando este passo tão importante para nossos combates futuros e atuais.

Entramos no PSOL para continuar nosso combate pela revolução proletária, pelo socialismo internacional.

Nós nos integramos para fazer um sério e educativo trabalho de construção sob a bandeira do marxismo de Lenin e Trotsky.

Ao combate, camaradas, companheiros e amigos!

Pelo socialismo, pela revolução, pela Internacional!



ORGANIZAR, MOBILIZAR, UNIR: LUTAR PELA REVOLUÇÃO!

**DECLARAÇÃO DO
ACAMPAMENTO REVOLUCIONÁRIO
DA LIBERDADE E LUTA**

**FLORIANÓPOLIS
29/01/2017**

LIBERDADE E LUTA
contato@liberdadeeluta.org

Faz um ano que fundamos a Liberdade e Luta em um acampamento na fábrica ocupada pelos trabalhadores Flaskô. Em nosso Manifesto, declaramos que lutamos pela liberdade, e que ser livres é tudo o que queremos. Mas também deixamos claro que temos consciência de que não é possível ter liberdade de fato num mundo capitalista. Desejamos um mundo onde seremos socialmente iguais, individualmente diferentes vivendo em liberdade. E falamos bem alto que nós sonhamos, mas que também lutaremos permanentemente para tornar nossos sonhos rea-

lidade.

Neste novo ano, vemos que os oito homens mais ricos do mundo têm mais riqueza do que metade da humanidade. As organizações internacionais do capitalismo registram mais de 200 milhões de desempregados pelo mundo e 12 milhões desses estão no Brasil. Ainda, a juventude representa 75 milhões desses desempregados, sendo que cerca de 4 milhões são brasileiros. Esses são dados oficiais, dados mascarados, que nos levam a crer que as proporções sejam muito maiores.

Continuamos olhando um presente e um futuro de guerras, fome, refugiados, drogas, violência, desemprego, miséria,

preconceito e opressão vivendo no capitalismo. Dezenas de guerras estão acontecendo agora mesmo e mais de 65 milhões de seres humanos vivem como refugiados. Neste inverno europeu, aqueles que fugiram da guerra síria estão morrendo de fome e de frio. Tudo isso mostra que a célebre frase continua atual: o capitalismo é o horror sem fim.

Mas, também vemos confirmada nossa previsão de que cada vez mais jovens se lançariam no caminho da revolução. Eles olham para a sociedade existente e não aceitam a continuidade do horror que ela provoca como se não houvesse alternativa. Ao mesmo tempo, pela

própria experiência, cada vez mais gente abandona as ideias e organizações reformistas.

No coração do capitalismo, nos Estados Unidos, manifestações massivas ocorreram no final do ano passado e neste mês contra a eleição de Donald Trump. A juventude tem mostrado forte participação nesses episódios. Em alguns protestos, tem surgido da multidão o grito "Nossa solução: Revolução!".

Os jovens franceses tomaram as praças para conversar e se mobilizar contra os graves ataques feitos pelo presidente François Hollande. Essa forma de resistência ficou conhecida como Noites em Claro.

Do México também

chegam notícias de grandes atos contra o governo de Peña Nieto, e suas medidas para explorar ainda mais a população pobre.

Na Itália, 60% dos que tem entre 15 e 18 anos querem uma revolução.

Toda essa situação de instabilidade mundial tem consequências sobre o Brasil. Uma grave crise de legitimidade das instituições políticas existentes se expôs nas últimas eleições. O grande pacto social estabelecido com a Constituição de 1988, materializado na "Nova República", dá cada vez mais sinais de que está naufragando. Essa situação levou ao impeachment de Dilma Rousseff e à formação do governo de Michel Temer.



INTERNACIONAL

Esse governo biônico resulta de um grande acordo dos setores da classe dominante sobre a necessidade de acelerar e ampliar os ataques de direitos e conquistas das massas trabalhadoras, aumentar sua exploração, e entregar o máximo de riquezas naturais e serviços estatais para a burguesia imperialista. Para cumprir essa missão o governo e seus aliados estão levando à frente as reformas da previdência, trabalhista, e do ensino médio. São verdadeiras contrarreformas para fazer com que os trabalhadores e os jovens paguem pela crise.

A Reforma da Previdência não só ameaça os trabalhadores de hoje, como a própria juventude que está entrando ou vai entrar no mercado de trabalho. Subtraindo anos de vida dos que precisam vender sua força de trabalho, ameaçam nos fazer trabalhar até morrer. Querem jogar nosso futuro na lata do lixo. Além disso, o próprio regime de trabalho, que para muitos já é extremamente precarizado, tende a piorar se a Reforma Trabalhista for aprovada. O combate a essas contrarreformas deve ser realizado por jovens e trabalhadores lado a lado. Essas medidas devem ser discutidas nas escolas e universidades. Não é uma discussão que cabe apenas aos sindicalistas e trabalhadores. É também luta da juventude.

A vanguarda da juventude, sua camada mais consciente, saiu às ruas e ocupou escolas assim que a Reforma do Ensino foi apresentada por meio de uma Medida Provisória, a MP 746. A Reforma do Ensino significa a destruição da escola pública como



a conhecemos hoje. Além de precarizar o já ruim ensino, abre as portas para a iniciativa privada e ataca os direitos trabalhistas, ao acabar com a necessidade de concurso público para contratar professores.

A juventude demonstrou coragem e disposição de luta ao ocupar as escolas no final do ano passado. A direção da UBES, que deveria ser um ponto de apoio para unificar esse combate, está presa por sua política de conciliação e aos seus métodos burocráticos. Para derrotar a MP 746, e os demais ataques em curso, é preciso massificar a luta. Ocupações com poucos estudantes só ajudam a facilitar a repressão. É preciso utilizar os métodos coletivos de luta, assembleias que apliquem as decisões da maioria, na busca por mobilizações massivas. Também é preciso organizar uma greve nacional da educação, de professores e estudantes, para enterrar essa contrarreforma de uma vez por todas.

Nossa luta contra a re-

pressão segue. A Polícia Militar mata jovens e trabalhadores diariamente nas favelas e bairros operários. Nas manifestações, age com brutalidade, usando bombas, balas de borracha, gás lacrimogêneo e cacetetes. Nas ocupações de escolas em 2016, fotos e vídeos de PMs apontando

**FORA TEMER E
O CONGRESSO NACIONAL!**

**ABAIXO OS ATAQUES
À EDUCAÇÃO E ÀS
LIBERDADES DEMOCRÁTICAS!**

**ABAIXO AO ATAQUE AOS
DIREITOS TRABALHISTAS!**

**ABAIXO O CAPITALISMO! PELA
REVOLUÇÃO, PELO SOCIALISMO!**

**A LIBERDADE É NOSSA META,
A LUTA É NOSSO MÉTODO!**

as armas para estudantes secundaristas, algemando menores, viralizaram na internet.

Além disso, querem reprimir o estudante e o professor dentro da sala de aula. O projeto da Escola Sem Partido, a Lei da Mordada, busca calar a todos e

cria um clima de vigilância constante na escola. Esse projeto absurdo e retrógrado foi derrotado em algumas cidades e estados. Mas ele segue em discussão no Congresso Nacional e chegou a ser aprovado em Alagoas. A luta contra a Lei da Mordada também faz parte da luta contra a repressão.

Por esse motivo dizemos: Abaixo a Lei da Mordada! Abaixo a Repressão! Pelo Fim da Polícia Militar!

Mais um ano começa e a maioria dos estudantes que se inscreveram no vestibular não irão conseguir vaga na universidade pública e terão que pagar altas mensalidades. De 136.736 estudantes inscritos no vestibular da USP, apenas 8.734 conseguiram uma vaga. Dos 8,647 milhões de estudantes inscritos no Enem, apenas 238.397 mil irão conseguir uma vaga em universidades públicas! Nossa luta deve ser por educação pública, gratuita e para todos! Todos os jovens dentro das universidades!

Cem anos atrás, uma ge-

ração de jovens revolucionários russos ousou tomar o poder no episódio que ficou conhecido como a Revolução Russa de 1917. As revoluções não começaram nessa data, e também não acabaram ali. Vivemos uma continuidade dos grandes acontecimentos do passado. Em 2016, frisamos que nos inspirávamos na onda revolucionária que varria todos os continentes. De lá para cá, vimos que cada vez mais explosões da luta de classes estão acontecendo por todo o mundo. Um mundo onde a luta de classes se polariza à direita e à esquerda. Nós sabemos o nosso lado. Nosso coração é vermelho e nosso lado é o da classe trabalhadora. Revolução!

A Liberdade e Luta surgiu para organizar, mobilizar e unir a juventude em defesa de uma plataforma revolucionária de reivindicações, contra o capitalismo e pela construção de uma nova sociedade no Brasil e no mundo, o socialismo.

Precisamos organizar cada vez mais jovens para enfrentar a situação que vivemos e fazermos o novo mundo que desejamos nascer. Contamos com o entusiasmo e o espírito revolucionário da juventude para garantir as primeiras vitórias da luta. Mas, acreditamos ser fundamental estar junto com os trabalhadores para alcançar nossos sonhos.

Como jovens revolucionários olhamos o mundo com os olhos da classe trabalhadora. A luta contra a opressão e a desigualdade, é parte indissociável da luta contra o capitalismo. Por um mundo verdadeiramente livre, fraterno e igualitário, por um mundo socialista!



FORMAÇÃO



100 ANOS DA REVOLUÇÃO RUSSA: A ATUALIDADE DO LEGADO BOLCHEVIQUE

ARTHUR PENNA
thurpena@gmail.com

O ano de 2017 mal começou e já deixou claro a que veio: toda a instabilidade, guerras e misérias que marcaram o ano anterior vão se aprofundar neste que se inicia. Afinal, o pior da crise capitalista ainda está por vir, e como tal, a burguesia precisa atacar cada vez mais os direitos dos trabalhadores, destruir cada vez mais forças produtivas e reduzir a humanidade a um estado de barbárie cada vez maior. Tudo isso só pode ser feito através de muita violência.

Há exatos cem anos, o mundo também se encontrava mergulhado em uma calamidade profunda. Em 1917, os imperialistas tingiam os quatro cantos do mundo de sangue por ocasião da Primeira Guerra Mundial. Todas as grandes potências deflagravam-se por poder e território, levando os limites da crueldade e da destruição a extremos até então não conhecidos. Entre essas potências estava o gigantesco e decadente Império Russo.

Historicamente, a Rússia dos czares sempre foi um importante braço da reação. Embora tivesse sobrevivido até a era imperialista, sua sociedade continuava a ser dominada pelos resquícios de tempos passados. A aristocracia e o clero viviam cercados de um mar de camponeses analfabetos e tardiamente libertados da servidão. A burguesia era pequena e subordinada tanto à estrutura social arcaica quanto ao impe-

rialismo estrangeiro. O proletariado estava reduzido a alguns centros urbanos, sobretudo Moscou e São Petersburgo.

Difícil imaginar condições mais avessas ao desenvolvimento de uma situação revolucionária, ainda mais uma que pudesse triunfar e chegar ao poder. Ainda assim, 1917 foi o ano da mais extraordinária vitória que a classe trabalhadora jamais logrou em qualquer tempo e lugar: a Revolução Russa. Iniciada com a Revolução de Fevereiro e completada com a Revolução de Outubro, a transformação destruiu o czarismo decrépito, expropriou a grande propriedade e construiu um estado operário baseado nos soviets (conselhos).

As ondas de choque que partiram da Rússia a partir de 1917 alastraram-se rapidamente pelo mundo, vindo a ter um poderoso efeito na luta de classes internacional. Mesmo em países onde já se viam grandes mobilizações, como a grande greve de 1917 em São Paulo, a notícia da primeira revolução socialista vitoriosa na história viria a ter uma

importância decisiva.

Como ocorre com frequência ao longo da história, grandes mudanças como a Revolução Russa são impossíveis de prever. O próprio Lenin, principal dirigente da revolução, foi pego de surpresa enquanto estava no exílio na Su-

os marxistas se mantêm conscientes de que, assim como no passado, a única bandeira que pode libertar os trabalhadores de todo o mundo é a do socialismo.

íça, a ponto de empreender uma perigosa viagem de trem de volta à Rússia para organizar seus camaradas do Partido Bolchevique para os combates decisivos que viriam. Embora os mencheviques tenham dirigido a Revolução de Fevereiro, os bolcheviques, mesmo na

ilegalidade, conseguiram conduzir as massas para tomar o poder em suas mãos alguns meses depois.

Apesar das condições adversas, os bolcheviques, ao contrário de tantos outros grupos “revolucionários”, souberam conquistar a confiança dos trabalhadores e constituíram-se na direção do movimento. Afinal, como a história comprovaria, somente eles possuíam o programa necessário para levar a cabo a tarefa de conduzir a revolução em direção à tomada do poder. O centralismo democrático, a firmeza no programa, a flexibilidade na tática e a presença constante nas lutas diárias ao lado dos trabalhadores: estes foram os métodos que permitiram aos bolcheviques transformarem-se na direção do movimento revolucionário.

A vitória da revolução em um país tão atrasado como a Rússia comprovou a estreiteza daqueles que defendiam que os trabalhadores dos países dominados pelo imperialismo tinham que esperar primeiro o triunfo da burgue-

sia de seus países, para só então almejar conquistar o poder, conhecidos como etapistas. Como Trotsky explicaria no clássico “A Revolução Permanente”, a única arma que poderia libertar os povos das correntes imperialistas era a luta pelo socialismo, sendo o etapismo uma receita para a derrota.

Mais adiante, o stalinismo, fruto do isolamento e burocratização do estado operário surgido em Outubro, viria a afirmar este e muitos equívocos teóricos. A partir da morte de Lenin e a ascensão de Stalin, Moscou se transformaria num dos centros da contrarrevolução internacional, fazendo todo o possível para influenciar a esquerda internacional e distanciá-la das melhores tradições revolucionárias criadas pelos bolcheviques.

Nos dias de hoje a conjuntura é sem dúvida distinta da de 1917. O capitalismo está em um estágio ainda mais avançado de decomposição, arrastando a humanidade cada vez mais em direção ao abismo da barbárie. Em grande parte devido ao legado do stalinismo, o reformismo e o sectarismo tornaram-se grandes obstáculos no caminho das mudanças. Mas os marxistas se mantêm conscientes de que, assim como no passado, a única bandeira que pode libertar os trabalhadores de todo o mundo é a do socialismo. Para isso é preciso firmeza nas tradições e métodos criados pelos bolcheviques, pois estes são ainda mais válidos hoje do que eram no passado.

INTERNACIONAL

Trump e o atestado de incompetência do capitalismo

ESQUERDA MARXISTA
jornal@marxismo.org.br

Em menos de um mês de mandato, o novo presidente norte-americano, Donald Trump, já colocou seu selo na política, na economia e nas relações entre os Estados Unidos e o mundo. As ações de Trump parecem não coincidir com a ideologia de livre comércio e não intervenção do Estado na economia, mas na realidade estão em total acordo com o aumento do poder e do lucro dos capitalistas à custa da classe trabalhadora.

Tais medidas, no entanto, estão gerando cada vez mais instabilidade social. Trump não possui uma base social sólida e a maioria republicana no Congresso não é grande o suficiente. Para agradar os capitalistas, será preciso governar por meio de decretos, o que é impraticável. A burguesia diverge entre si, sem encontrar nenhuma saída que



Novo presidente expressa fracasso da promessa de um futuro no capitalismo

salve o sistema.

Um dos primeiros atos de Trump foi a revogação do Obamacare. O marxistas se opunham a esse sistema por entender que o atendimento de saúde deveria ser público. Trump, por sua vez, quer extirpar a ideia de qualquer assistência estatal.

Outra questão que deve causar revolta — sobretudo após a colossal Marcha das

Mulheres em 21 de janeiro — é a nomeação de Neil Gorsuch para Supremo Tribunal. Este juiz é conhecido ultra-conservador e defende posições “pró-vida” em relação à eutanásia e ao aborto. A contratação de empregados federais foi congelada e o projeto dos oleodutos Keystone XL e Dakota Access, que impõem fortes impactos

sociais e ambientais, foi liberado.

Trump contratou ainda mais 5 mil agentes da Patrulha das Fronteiras e mandou construir um muro de 3 mil quilômetros ao custo de pelo menos 10 bilhões de dólares na divisa com o México. Não bastasse, ele quer que o próprio vizinho pague tais custos por meio de impostos. Isso aumentará as contradições sociais e irá acelerar a revolução mexicana, o que não poderá ser separado dos EUA nem mesmo por um grande muro.

Em seguida, cidadãos de sete países de maioria muçulmana — Síria, Iraque, Irã, Sudão, Líbia, Somália e Iêmen — foram proibidos de entrar nos EUA. Imediatamente, milhares de pessoas foram ao aeroporto JFK de Nova Iorque para protestar. A divisão na burguesia ficou clara quando um juiz federal emitiu liminar temporária contra

a decisão de Trump, que, devido ao tamanho da comção causada, já está tendo que recuar.

Trump decidiu também que os EUA não aprovaram o acordo de livre comércio Trans-Pacific Partnership. O renascimento mundial do nacionalismo econômico, isolacionismo e protecionismo é um reconhecimento tácito de que o capitalismo se encontra em um impasse. O teste decisivo para a existência de qualquer sistema é se ele pode ou não desenvolver as forças produtivas e elevar a qualidade de vida da humanidade. Em seu desespero para impulsionar sua economia interna à custa de seus rivais, os EUA está mostrando que o sistema não se encontra à altura dessa tarefa. Somente o socialismo pode avançar de onde o capitalismo fracassou e Trump está fazendo 99% do trabalho de recrutamento revolucionário.

Do centro do imperialismo para o mundo: protestos anti-Trump!

LUCY DIAS
dlucy.1917@gmail.com

Como a explosão de uma bomba nuclear, a eleição de Donald Trump irradiou-se em manifestações e revoltas por todos os continentes!.

Milhares confirmam que as políticas do bufão estão completamente divorciadas de suas necessidades. Em marcha massiva, no dia 21 de janeiro, declararam seu repúdio às declarações machistas, racistas e xenófobas do presidente e reivindicaram o direito ao aborto.

A Marcha das Mulheres atravessou o Pacífico Norte e Sul, em direção à Ásia com protestos em Tóquio. Na Oceania, com manifestações na Nova Zelândia e Sidney. Chegou à Europa, nas cidades de Londres, Berlim, Pa-

ris, Roma, Viena, Genebra. Na capital inglesa, mais de 50 mil pessoas nas ruas. Na África as mobilizações foram no Quênia e África do Sul. A Marcha chegou no Brasil e até mesmo na Antártida.

Já no início do mês de fevereiro, novos protestos ocorram nos aeroportos de várias cidades norte-americanas, com paralisação dos taxistas de Nova Iorque. Os manifestantes são contra a ordem executiva de Trump de impedir a entrada de imigrantes e refugiados de origem, principalmente, muçulmana. Também foram feitos protestos na Austrália, Inglaterra, Alemanha, Índia e Filipinas.

Multidões se levantam contra a agonia mortal do capitalismo. O internacionalismo proletário vencerá!

Protestos contra o aumento da gasolina tomam o México

MAYARA COLZANI
may.colzani32@gmail.com

O ano de 2017 se iniciou com milhares de pessoas nas ruas do México. As manifestações que se espalharam pelo país, conhecidas como “gasolinazo”, ganharam força após o presidente Enrique Peña Nieto desregular os preços dos combustíveis - o que fez com que o valor subisse até 20% para a população.

Desde os primeiros dias do ano até hoje, o México vive um novo estado social como resposta ao aumento abusivo do combustível imposto pelo governo peñista. O reajuste do combustível está funcionando como uma faísca. Ele incendeia a vontade popular acumulada durante décadas de abuso, exploração, privatizações e

saques que a burguesia chama de democracia, livre mercado e, ultimamente, “unidade nacional”.

A justificativa de Peña Nieto é de que seu antecessor, Felipe Calderón, é responsável pelos “gasolinazo”, pois subsidiou o combustível e manteve valores artificialmente baixos durante seu mandato (2006/2012). Segundo ele, o governo mexicano gastou cerca de US\$ 50 bilhões para subsidiar os preços. Em entrevista para o jornal Télam, Peña Nieto diz que “o dinheiro se perdeu e que poderia ter sido usado para investir em coisas mais produtivas, como sistemas de transporte público, escolas, universidades e hospitais”. A decisão foi tomada, segundo ele, para “garantir a estabilidade econômica.”

Apesar dessas justificati-

vas enfadonhas, quem paga a conta são os trabalhadores e a juventude, que conhecem o governo de Peña Nieto e sabem que investir em serviços públicos é o oposto da sua prática. Mas a farsa do regime atual está desmoronando rapidamente, mais ainda desde os trágicos acontecimentos de Ayotzinapa e Nochistlán.

O povo está tomando consciência de sua força e de que é preciso derrubar o sistema capitalista e construir uma sociedade socialista. Por isso, desde as primeiras manifestações, são levantadas bandeiras que não falam só do aumento da gasolina, das reformas e da racionalização dos recursos naturais, mas exigem “Fora Peña Nieto e seus governadores”. São levantadas bandeiras por um mundo novo, justo e igualitário.

JUVENTUDE

JOHANNES HALTER
haltercontato@gmail.com

Mais de cem jovens participaram do Acampamento Revolucionário da Liberdade e Luta. Concentrados de 26 a 29 de janeiro, eles debateram a atual situação brasileira e internacional, conceitos políticos teóricos, as lutas contra as opressões e as táticas para construir uma alternativa socialista. Integrado a isso, prestigiaram apresentações musicais, teatrais e cinematográficas, além da promoção de confraternizações ao fim dos dias.

Em mais de 20 cidades do país, estudantes e jovens trabalhadores impulsionaram atividades preparatórias para viajar até Florianópolis. Com os participantes credenciados e alojados, ocorreu a abertura do Acampamento, contando com a saudação de representantes de movimentos sociais e organizações solidárias à Liberdade e Luta.

Luta de classes no mundo e no Brasil

Marcado por uma bateria de debates, o segundo dia de evento colocou a concentração de todos em alerta. Começou com a discussão “As lutas da juventude no mundo”, apresentado por Joe Attard, da Federação dos Estudantes Marxistas da Grã-Bretanha, por Marcelo Canay, da Corrente Socialista Militante, da Argentina, e



ACAMPAMENTO REVOLUCIONÁRIO ANIMA JOVENS PARA LUTAR CONTRA O CAPITALISMO

pela convidada venezuelana Amanda Vargas.

O cronograma seguiu para a mesa “Situação Política Nacional e a Reforma do Ensino Médio”, exposta por Evandro Colzani e Lucy Dias. No início da noite, o esforço coletivo permitiu ainda ao plenário debater “Luta de classes e o combate ao racismo, machismo e homofobia”, guiado por Evelyn Gonzalez e Felipe Araujo. Após esta série de intensas discussões, um divertido luau ocorreu na Praia dos Ingleses.

Troca de experiências e planos

Uma rica troca de experiências abriu o terceiro dia, com os grupos de trabalho. Divididos entre os eixos secundarista, universitário e movimentos sociais, os

acampados sistematizaram suas discussões para o plenário, definindo atividades para realizar, brochuras para produzir e discussões para impulsionar. Um boletim mensal também foi decidido.

Na parte da tarde, uma formação teórica polêmica foi pauta. “Socialismo e Anarquismo”, apresentado por Bruna dos Reis e Daison Colzani, enriqueceu a compreensão dos jovens sobre as características de cada uma dessas correntes de pensamento. Ambas voltam ao palco das atenções da juventude no Brasil e no mundo, tornando importante uma discussão aprofundada sobre o tema.

Pelos olhos da classe trabalhadora

Em seu último dia juntos, os jovens revolucionários reunidos elegeram uma nova coordenação nacional. Além disso, eles votaram uma declaração do Acampamento

Revolucionário da Liberdade e Luta (Ver páginas 4 e 5). O documento ressalta a vocação revolucionária e socialista com a qual a organização nasceu em 2016, e que continua sendo sua marca. Também aponta a impossibilidade de encontrar saídas reformistas dentro do capitalismo, e destaca a instabilidade política que se desenvolve no mundo todo.

Saudando o legado da Revolução Russa de 1917, os jovens deixaram claro que veem o mundo pelos olhos da classe trabalhadora. Campanhas da Liberdade e Luta serão impulsionadas para combater os ataques aos direitos trabalhistas, à previdência social, contra a lei da mordaza e contra a Reforma do Ensino Médio. A preparação para os congressos da UNE e UBES definiu-se como uma das atenções dos núcleos da LL nos próximos meses. Para esses eventos, levantarão a bandeira de va-

gas para todos em instituições públicas, da creche até a universidade.

Ideias revolucionárias

Ao final do Acampamento Revolucionário, o ânimo com as perspectivas revolucionárias e o nível das discussões realizadas era perceptível nos rostos dos jovens que se abraçavam e se despediam. Eles voltaram para suas cidades com a vontade de fazer um mundo novo nascer. Mais do que isso. Eles carregam consigo as ideias capazes de, como diz a declaração aprovada: “Organizar, mobilizar, unir: lutar pela Revolução!”.

A liberdade é a nossa meta! A luta é o nosso método! O socialismo é o nosso futuro!

Entre em contato, e juntos vamos construir a Liberdade e Luta!

